

A POTÊNCIA CRIATIVA E CRÍTICA EM *TUTAMEIA*, DE GUIMARÃES ROSA: MEDIações ENTRE ARTE E SOCIEDADE

Fernannda Gonçalves (PIC/CNPq/FA/UEM), Alexandre Villibor Flory (Orientador).
E-mail: ra119525@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes/Maringá, PR.

Letras/ Teoria Literária

Palavras-chave: *Tutameia*; crítica materialista; modernismo.

RESUMO

Este projeto de Iniciação Científica tem como objetivo principal estudar quatro contos escolhidos da obra *Tutameia*, de Guimarães Rosa, a saber: *Desenredo*, *João Porém o criador de perus*, *A vela ao diabo* e *Retrato de cavalo*. Em primeiro lugar, fizemos uma discussão deles a partir de categorias estruturalistas. Em seguida, usamos da perspectiva teórico-crítica do materialismo histórico dialético para aprofundar a análise. Como resultado, é possível dizer que Rosa tensiona ao limite a estrutura tradicional, criando textos radicalmente experimentais, contribuindo assim com o modernismo brasileiro. Trata-se de uma via de mão dupla: a época em que Rosa escreveu ganha expressão estética em sua obra, principalmente pela sua forma, ao mesmo tempo em que se projeta para a realidade.

INTRODUÇÃO

Este projeto de Iniciação Científica teve por objetivo o estudo de quatro contos do livro *Tutameia (terceiras histórias)*, de 1967, de João Guimarães Rosa. *Desenredo*, *João Porém o criador de perus*, *A vela ao diabo* e *Retrato de cavalo* foram os contos escolhidos para o estudo. A análise teórica e crítica é baseada na perspectiva materialista, considerando a intersecção entre arte e sociedade, que se manifesta na própria obra de arte, principalmente no que diz respeito à forma, eixo principal da obra de Rosa. O estudo se concentra em como o contexto histórico e as

influências estéticas contribuem para o trabalho do autor, seguindo o pensamento crítico de Antonio Candido (2023).

Estudar a obra de Guimarães Rosa é uma tarefa complexa, dado o já extenso corpo de crítica literária existente. No entanto, *Tutameia* ainda não obteve a atenção que merece se comparada a outras obras do autor. É preciso compreender os paradoxos que caracterizam Rosa, como a densa narrativa de contos curtos que desafiam uma leitura superficial. Paulo Rónai, em um dos prefácios do livro, observou que, apesar das exigências de publicação, os contos de Rosa não são leves; são, em essência, pequenos romances condensados, levantando questões sobre seu lugar na obra do autor. Além disso, é importante ressaltarmos o regionalismo no período do modernismo e como, segundo Antonio Candido (2011), ele não é suficiente para delinear o trabalho de Guimarães Rosa, que supera o regionalismo através do próprio regionalismo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico. Os métodos que utilizamos para o estudo dos contos escolhidos de *Tutameia* partiram, em primeiro plano, da compreensão do estudo de gêneros literários. Com esses conhecimentos sobre gêneros e como seus operadores funcionam, conseguimos entender como Rosa os manipula, alcançando efeitos que tensionam as expectativas tradicionais do subgênero conto. Para isso, utilizamos, entre outros, o livro *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*, organizado por Thomas Bonnici e Lúcia Osana Zolin. A essa base narratológica, de cunho estruturalista, trouxemos estudos a partir do materialismo histórico dialético, sobretudo no método crítico de Antonio Candido. Pesquisar a partir desse viés nos permitiu compreender a obra de Rosa por um ângulo articulado entre a estética e o campo social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há nos microcontos de *Tutameia* muitas chaves de leitura. Elencamos, dentre elas, em *Desenredo*: o narrador, que se mostra frio e se nega a discorrer sobre os fatos de maneira dramática; os conflitos criados por Guimarães Rosa, que não se desenvolvem dramaticamente, sendo assim análogos ao título do conto, que indica uma estrutura às avessas, feita antes pelos desmontes em torno das expectativas que são mobilizadas pela diegese; a figura da mulher, Vilíria, que se mostra princesa de um conto de fadas nada convencional, repleto de traições e de entregas aos desejos, mas que tem seu “final feliz”; o poder do discurso bem traçado que reconstrói o passado perante uma sociedade hipócrita.

Em *João Porém o criador de perus*, observamos a beleza da criação das personagens marginais de Rosa. São elas jagunços, prostitutas, peões, pessoas simples construídas a partir do que lhes falta: “*Indistinguível disso, ele viçara, sensato, vesgo, não feio, algo gago, saudoso, semi-surdo; moço.*” (ROSA, 2021). Saudoso pois lhe falta algo ou alguém; vesgo pois lhe falta foco no olhar; algo gago, ou seja, lhe falta clareza ao falar; semi-surdo, sem precisão no ouvir. Apesar disso, João é uma personagem que progride de muitas maneiras e os saltos temporais do conto fazem uma espécie de romance de formação ao contrário, onde a personagem (des)constrói o tempo.

Já em *A vela ao diabo*, não pudemos deixar de notar a forma como Rosa usa a linguagem e mistura gêneros textuais: “*valia divertir-se, furtar o tempo ao tormento - apud Dlena.*” (ROSA, 2021). O autor se aproveita do período de reconstrução do pós-guerra, no qual há, em meio às tensões, uma busca pela renovação da expressão artística e usa em seus escritos uma linguagem que, ao mesmo tempo, é muito sofisticada e muito próxima à oralidade. Essas linhas de força podem parecer opostas, mas não se trata de colocar uma linguagem artificial contra o registro realista da fala cotidiana. Na verdade, a linguagem popular é capaz de escapar de qualquer descrição restritiva. Ela é rica e diversa, carregando em si histórias de vida e uma luta pelo significado, além de possuir formas únicas de entender o mundo.

No último conto estudado, *Retrato de cavalo*, encontramos o autor discorrendo sobre a realidade por meio da arte, mais especificamente, por meio de uma foto. Em certo ponto do conto, nos damos conta que o retrato tem tanta força expressiva que ele chega a ter autonomia, soberania. A disputa pela foto (e seu sentido) causa angústias e cólera. No entanto, Rosa não trata de qualquer que seja o assunto pelos ângulos esperados. Há sempre a fuga do clichê. Não é a questão da beleza por essência que causa o entrevero sobre a fotografia, e sim o que deixou de existir na imagem. A noiva se separa do fotógrafo, e a amizade com o cavalo é perdida após sua morte. Ao final do conto, o retrato é enviado ao homem mais rico da cidade, pois em sua casa haveria uma parede adequada à imagem, ou seja, um suporte bonito para uma foto bonita, e nada mais. No decorrer da narrativa percebemos que a materialização da arte expressa o sentido que a sociedade dá a ela, podendo esse significado ganhar novas nuances à medida que o revisitamos e atribuímos perspectivas mais profundas e dialéticas à realidade.

CONCLUSÕES

Estudar esses poucos contos de *Tutameia* foi um desafio e um regalo. Um desafio porque Rosa nunca nos entrega de mão beijada um significado claro e definitivo para seus textos: é preciso lutar pelo sentido, olhar as sentenças pelo

avesso, aceitar os paradoxos, refluir sobre si mesmo e sobre o mundo. E um regalo porque, com Rosa, há todo um mundo formado por fragmentações, ambiguidades e neologismos. É preciso levar em conta o modernismo e o regionalismo para entender como sua obra vai além e aquém destas balizas. É preciso saber que Rosa é tanto brasileiro quanto um homem do mundo, e sua obra é permeada por essa premissa, que tensiona sua forma ao máximo. Impossível seria esgotar a obra rosiana: há muitos desdobramentos em cada um dos contos, pois como consta em um dos prefácios de *Tutameia*, Rosa mediu e pesou cada palavra utilizada. *Tutameia* é potência pura.

AGRADECIMENTOS

Ao programa de Iniciação Científica (PIC). E principalmente, ao orientador, Alexandre Villibor Flory, que contribui imensamente com meu processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**: Estudos de teoria e história literária. São Paulo: Todavia, 2023.

CANDIDO, A. In: **Depoimentos sobre João Guimarães Rosa e sua obra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p. 17-29.

CANDIDO, A. De cortiço a cortiço. In: **CANDIDO, Antonio**. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Todavia, 2023.

FRANCO JUNIOR, A. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2019, p. 33-56.

ROSA, J. G. **Tutameia**. São Paulo: Global Editora, 2021.